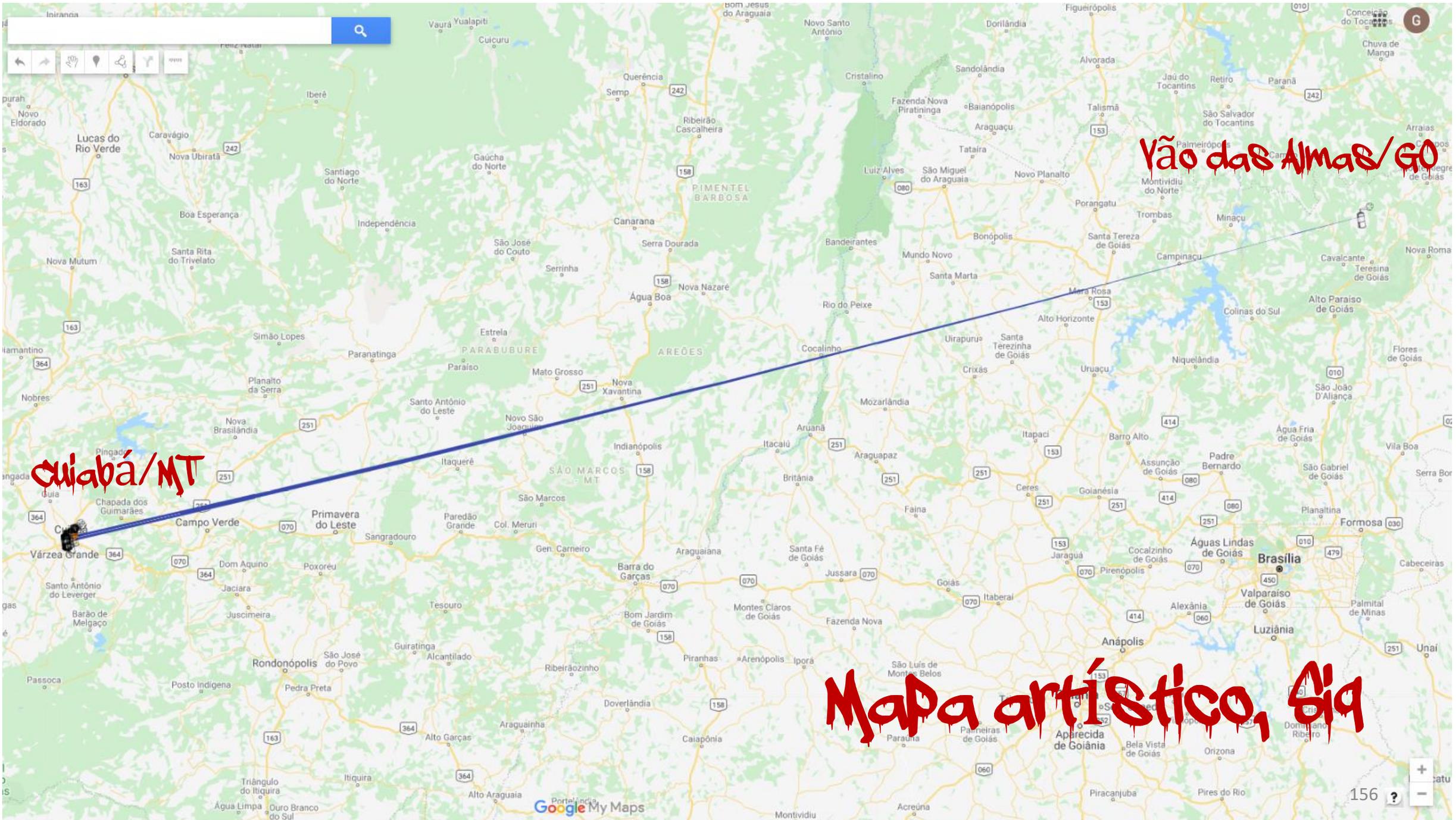


Mapa artístico, 619



Cuiabá/MT

Vão das Almas/GO

Mapa artístico, 619



JEAN SIQUEIRA OYAMARE

## SIQ - JEAN SIQUEIRA OYAMARE

### Skate, Tatuagem e Grafite - Superam!

Cartografia do olhar à procura do próprio mundo.

Rostos e olhos marcam sua arte. Identidade, lugar de sentido no mundo e valores marcam sua história emocional. Uma cartografia da busca de si próprio apresenta um mapeamento com um ponto, não de fuga, mas um ponto de encontro.

O traço longo que leva o artista a lugar tão distante, parece deslocado no mapa cartografado por sua própria arte. A consciência reitera que, o que parece fora é o que está dentro. O artista que se expressa com as expressões dos olhares humanos refletidas em seu interior, é ele próprio um buscador de seus territórios existenciais externos, pois sabe que em algum espaço-tempo lhe trouxe aqui, de alguma forma, lhe pertencem.

*"Eu fiz faculdade de Ciências da Informática, tentei fazer Veterinária e diversas outras faculdades eu tentei, só que nunca me encontrava, era uma coisa totalmente fora da minha realidade. Era fora da minha realidade porque era uma coisa muito cara e era uma coisa que lidava com números, exatas é uma coisa que definitivamente não tem nada haver comigo. Aí trabalhei e tive contato com o skate".*

O SKATE ...

*"Primeiro tive contato com o skate, que é uma coisa que me direcionou pra essa cultura da rua, e o skate que me mostrou, na adolescência, caminhos de culturas urbanas, conheci pessoas que foram muito importantes na minha formação. Tive contato com o skate e o skate me mostrou a tatuagem, que eu nunca tinha tido contato, tive contato com música, com música de protesto, tive contato com Hard Core, com Rap, são todas músicas de confronto direto".*

A large, vibrant graffiti of a young man with a wide smile, holding a camera. The graffiti is painted on a brick wall. The man has dark skin, curly hair, and is wearing a red shirt. The camera is black with a lens and a flash. The graffiti is rendered in a realistic style with shading and highlights.

*"Meu lance mesmo é ir pra rua e fazer grafite de verdade, grafite com conteúdo, com militância".*

*"Eu gosto das coisas mais expressivas, e reais também"*

*"O grafite é pra rua"*

*"Grafite Gourmet"!!!*

*"O meu ganha pão é a tatuagem, sabe, então, o grafite acaba se tornando pra mim uma diversão, uma coisa que me faz sentir bem".*

## ... NÃO É SÓ UM ESPORTE

"Tive contato com o veganismo, com o Straight Edge, junto com o movimento Punk, que prega jovens livres de drogas. Tive acesso a isso, sobretudo essa coisa que a galera fala muito hoje em dia sobre racismo, eu já falava disso quando eu tinha quinze anos, véi. Talvez eu não tenha conseguido fazer na prática exatamente como era pra ser, porque você cresce com um nó na cabeça. Eu cresci com meus tios falando pra mim que eu tinha que mexer com a mulher na rua porque homem faz isso, eu tinha que ir lá apalpar a bunda de uma mulher porque homem faz isso, sabe. Então, esse processo dessa desconstrução é uma coisa que vem com o tempo, não é de um dia pro outro, você vai trabalhando. Mas é uma coisa que desde aquela época eu não curtia, então acho que eu me relacionei com a galera certa durante esse tempo, me mostraram o caminho do vegetarianismo, eu sou vegetariano tem ... sei lá ... vinte e cinco anos que eu não como carne, desde os quinze anos, por influência dessa galera, sabe. Então são coisas que o skate me mostrou. Tive contato com o skate, tive contato com essa galera, tive contato com a tatuagem, e a partir da tatuagem tive contato com o Neguinho que é grafiteiro, e o Marquinhos que é outro mano que é grafiteiro, outro amigo de São Paulo que na época estava aqui trabalhando com o pessoal da Cufa. Muito do que eu aprendi veio do skate, sabe, me ensinou a viver na rua, porque, a gente praticamente era molecada de rua, porque a gente vivia na rua. Eu ia pra escola às sete da manhã, voltava pra minha casa onze horas e eu ficava com o skate pra cima e pra baixo, sabe. Sempre estudei, sempre fui um aluno que estudou mesmo, que buscava tirar nota boa, nunca tive problema com isso ... e isso foi me moldando e aquela coisa de buscar sempre mais ... comecei com a tatu".



Fonte: Rede social do artista, 2015.



Fonte: Rede social do artista, 2015.



"HIP – HOP"

Fonte: Rede social do artista, 2020.



Fonte: Rede social do artista, 2020.



Fonte: Rede social do artista, 2018.

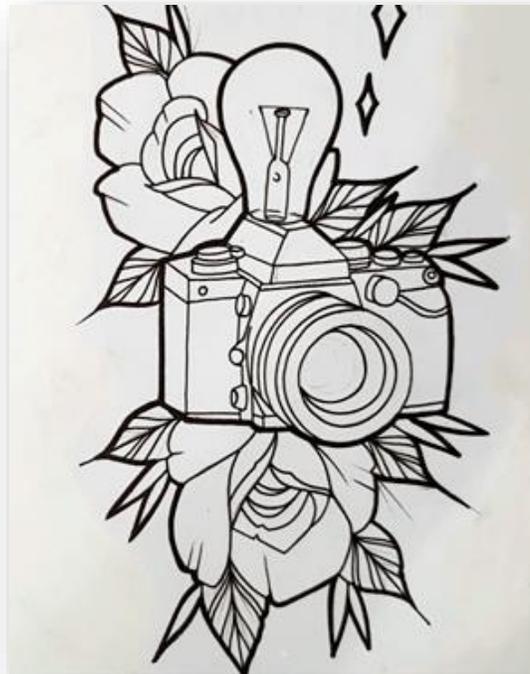


Fonte: Rede social do artista, 2018.

## A TATUAGEM

"Pô, comecei com a tatu, trabalhei com o Edson, abri meu estúdio, trabalhei com o Edson um tempo, abri meu outro estúdio, e abri meu outro estúdio, e fui conhecendo o pessoal, viajando, sempre ansiando evolução. Tanto que, quando comecei a tatuar eu juntava grana e viajava, porque, Cuiabá, o pessoal que tinha aqui era uma galera da cabeça muito fechada. O Celso, outros tatuadores, essa galera tinha aquela coisa de, 'não, eu não vou ensinar porque se não, eu vou perder meus clientes', só que é uma coisa que não adianta, sabe, você ensinando ou não, a pessoa vai evoluir, então eu buscava, não aprendia com os caras, juntava minha grana e picava pra São Paulo. Lá peguei as melhores convenções que já teve lá, eles tem uma convenção muito antiga de tatuagem, e lá estava todo mundo foda do mundo inteiro véi, tatuador que você só via em revista, você via o cara. E eu ia e sentava do lado dos caras, botava uma cadeira e tipo ... 'e aí beleza', 'beleza', e ficava olhando os cara tatuar, e nisso fui fazendo amizade com a galera, sabe, pessoa que eu via em revista hoje em dia eu converso com os cara, vou no estúdio dos cara, e tatuo com os cara, sabe".

# EXPRESSIVIDADE DO OLHAR TAMBÉM NO PAPEL



"Colors 🧠".

Fonte: Rede social do artista, 2019.



"Força é esperança para quem está na linha de frente que está dando a sua vida pela vida de desconhecidos 🙏  
Aquarela sobre canson".

Fonte: Rede social do artista, 2020.



"Who The Cap Fit". Fonte: Rede social do artista, 2021.



"Aquarela sobre canson". Fonte: Rede social do artista, 2020.

## E DEPOIS DO CORPO, OS MUROS DA CIDADE!

"E com a tatuagem eu tive contato com o Edson, que foi um dos primeiros. Eu fiz um workshop com o Babu, de stêncil, e hoje a gente pinta junto, doido né. Aí tinha o Martin também, do Os 7 Anões da Lata, que foi uma das primeiras crew de grafite aqui de Cuiabá. Martinho acho que é gringo cara, acho que é Argentino, ele estudava na UFMT, hoje mora em São Paulo, e é um artista fodão cara, da arquitetura e do visual, das artes visuais também, e muito crítico também, foi uma influência pra mim, muito crítico. E conheci essa galera, pintava sempre com eles, com Matin na verdade, o Edson já não pintava tanto na rua. E essa galera era uma galera tipo, 'vamo vamo vamo', eu fui, procurando o que me agradava mais, sabe, eu gosto muito de pintar foto de pessoa assim, no cotidiano eu normalmente fotografo, gosto de fotografia, gosto de fotografar o que eu pinto, no grafite e na pintura à óleo eu sempre gosto de fotografar e reproduzir aquilo que eu fotografo".



Fonte: Rede social do artista, 2018.

## O PRIMEIRO GRAFITE A GENTE LEMBRA, MAS NÃO EXISTE MAIS, NEM EM FOTOGRAFIA

"O primeiro grafite que fiz foi no muro do IF, na curva do muro do IF [Instituto Federal], não tenho foto dele, eu fiz um leão. Na época eu tava numa onda rastafari e tal rsrsrs, aí eu fiz um leão da tribo de Judá, acho que foi entre 2004 e 2005 ... aí não parei mais. Porque, você faz um, vai estudando e vai conseguindo uma evolução e então você fica doido pra ir testando, vai assistindo, porque, nessa época a gente não tinha acesso a isso, tanto da tatu quanto do grafite a gente tinha acesso por revista, porque a gente não tinha internet, tinha internet discada, a gente não tinha acesso. Então era uma coisa de você ver, via o Kebis que é esse brother de São Paulo que já pintava, via ele pintar e aprendia, então a gente aprendia no visual. Na tatu eu tinha que viajar pra ver os caras tatuando, pra ver qual tinta que eles estavam usando, pra comprar material, porque em Cuiabá não tinha nenhuma loja que vendia isso, sabe"

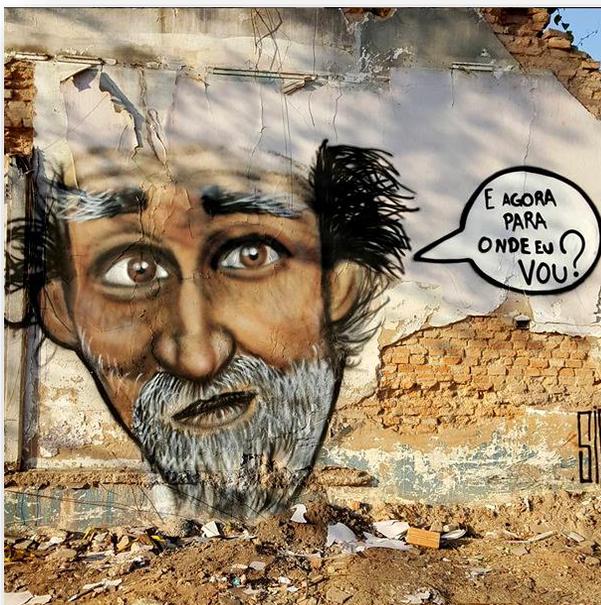
## VIVENDO O PERÍODO ATUAL

"Hoje em dia é uma coisa mais tranquila pra essa galera que começa, tem essa facilidade, essa acessibilidade que a gente não tinha, tipo, a gente comprava uma revista e ficava tentando imaginar como que aquela pessoa tinha feito aquilo, como a pessoa tinha feito aquele degradê, como a pessoa tinha feito aquela linha, sabe, porque a gente não sabia como era, você olhava e tentava entender aquilo, véi. Hoje em dia não, você entra no youtube tá lá, o tatuador que você mais admira numa vídeo aula falando pra você passo a passo o que ele faz. Então, a geração de hoje já tem uma coisa mais mastigada, mais na mão. Como eu, eu, além de tudo isso, eu curto mexer com customização de carro e moto, sabe, é uma coisa que eu viajo, eu sei soldar, e fiz um curso pela internet de funilaria artesanal, que, não é uma coisa que usa máquina, que é uma coisa que quando a galera não tinha máquina, fazia manualmente, usando martelo, conseguia pegar uma chapa reta e fazer uma bola de uma chapa reta. Aí eu fiz um curso, uma coisa que é incrível, uma coisa totalmente acessível, pela internet".

MOMENTOS INESQUECÍVEIS À INSPIRAÇÃO NÃO FALHA - IN THE FALL IN LOVE!

"O nós não existe mais"

"Eu tinha uma namorada, aí a gente terminou e tal, ela mandou um e-mail e no meio do texto eu escrevi ... 'e nós, e não sei o quê ...', aí ela me mandou um texto e no final, entre parênteses ela falava assim, 'e o nós não existe mais', me deu um pé na bunda, rrsrsrs, fiquei meses sofrendo por isso, aí eu fiz um grafite muito legal, você vê, uma coisa que tem significado pra gente, acaba tendo significado pra outras pessoas. Eu fiz um grafite que era uma menina segurando uma rosa, uma margarida, e as pétalas da margarida voando, sabe, e eu escrevi, 'o nós não existe mais', rrsrsrs, e a galera gostava muito daquilo véi, sabe, só que era uma coisa minha que eu soltei pra galera e a galera gostou muito, a galera pirava com aquilo, porque, tocava, aquilo servia pra outra pessoa, de uma outra forma, sabe, e pra mim era uma dor de cotovelo ... rrsrsrs"



Fonte: Rede social do artista, 2017.

"E agora tem mais esses lances da política que me marcaram, que eu consegui assim, consegui imaginar umas críticas legais, e fiz, inclusive são os que mais tem visualizações e mais a galera replicou. Pra mim é isso, é informação, é embate, grafite pra mim sempre vai ser isso".



Intervenção Coletiva – Ginásio Esportivo Verdinho  
Local: Morada da Serra – CPA I  
Fonte: Fotografias Célia Soares – 2020



Fonte: Rede social do artista, 2015.



Fonte: Rede social do artista, 2015.



Fonte: Rede social do artista, 2018.



Fonte: Rede social do artista, 2018.



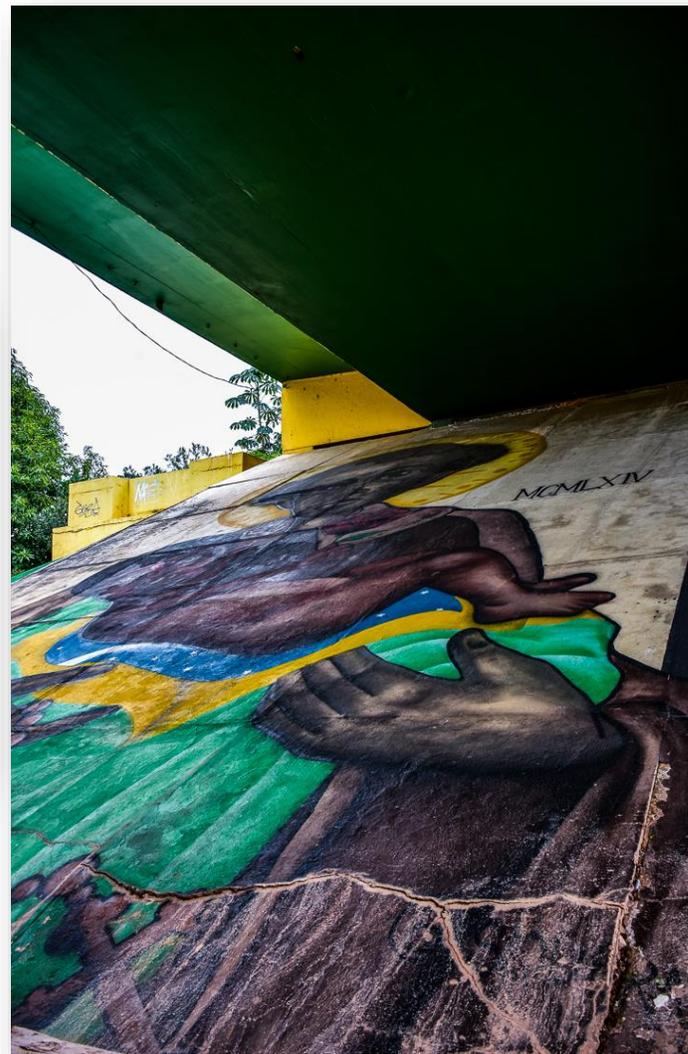
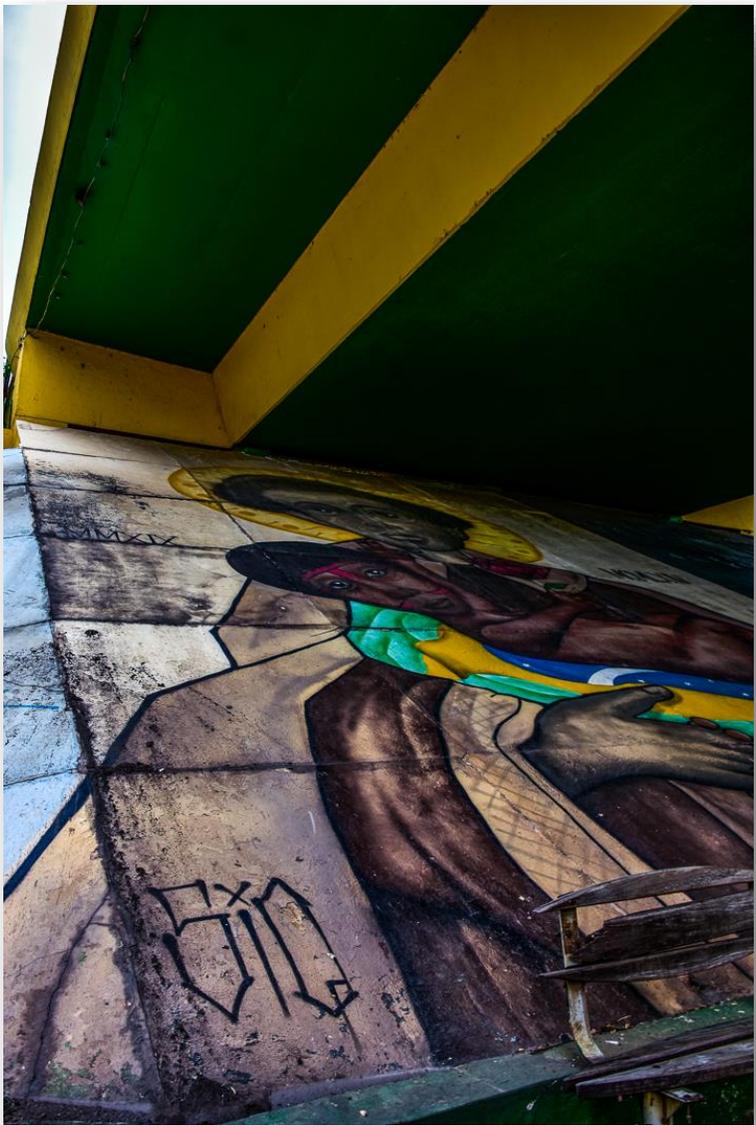
Fonte: Rede social do artista, 2019.

"Outra que ficou bem legal foi um São Benedito, segurando um índio, enrolado na bandeira, tem toda uma ideia que eu fiz sobre aquilo, sobre ser um santo negro, sobre tirar Jesus do colo do cara branco e colocar um índio, ele enrolado na bandeira, sabe, todo esse significado, sobre o significado do manto do São Benedito, eu fiz toda uma pesquisa sobre o São Benedito em si, o padroeiro dos pretos e dos escravos".

"Este trabalho foi um convite da artista Odete Venâncio e prefeitura de Cuiabá com a proposta de retratar nos viadutos um grafite que homenageia os 300 anos da cidade. Sendo assim, nada mais justo do que representar essa data memorável com o santo protetor de Cuiabá, São Benedito. O hábito marrom simboliza a humildade e simplicidade deste grande santo. Marrom é a cor da terra, a cor do 'húmus', de onde vem a palavra humildade, também é a cor da simplicidade, virtudes que marcaram a vida de São Benedito. Fatos que me despertaram a vontade de estampar o santo africano que, ao meu ver, representa o povo cuiabano, nossas origens negras e os pretos velhos. No seu colo, ao invés do menino Jesus, carrega um índio Bororo, símbolo da minha ancestralidade indígena e dos caboclos da umbanda. O manto que abraça a criança é a bandeira da nossa nação, ícone dos nossos atuais governantes que têm sido tão impiedosos com os verdadeiros donos da terra brasileira".



Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2020



Viaduto Av. do CPA –  
R. Historiador Rubens de Mendonça, Bairro Bosque da Saúde  
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2020

## EXPOSIÇÕES A ÓLEO

*"Eu pinto a óleo também, já tive exposições na UFMT. Normalmente eu intercalo entre grafite e pintura a óleo. Eu já participei de umas três ou quatro exposições aqui em Cuiabá, coletivas, nunca tive uma só minha. Tenho bastante trabalho pintado em casa, tenho um acervo legal até, só que estou esperando juntar mais pra fazer uma exposição minha, sabe. Uma exposição só minha sendo trabalhos meus, mas, mais o lance de pintura a óleo mesmo, tem uns grafites também, mas eu gosto mais de óleo assim, mais tranquilo em casa. Não tenho muito essa pegada de galeria".*

## MAS, QUEM TEM ...

*"Eu acho legal essa coisa dos artistas irem pra galeria porque eles conseguem ganhar mais grana com isso né, eles conseguem vender mais, eles conseguem ter um valor maior, eles têm um reconhecimento melhor, eles conseguem ir pra fora, conseguem expor os trabalhos deles no mundo inteiro, não só no Brasil, porque a maioria deles vivem do grafite, é o ganha pão deles".*

## GRAFITEIRO OU ARTISTA PLÁSTICO?

*"Sou mais grafiteiro que artista plástico. Gosto mais do grafite, acho que tem mais haver comigo, dessa coisa de protestar, apesar que faço a mesma coisa na pintura a óleo, rsrsrs, é bem crítico o que pinto, sabe.*



*"Óleo sobre tela alla prima 20x10". Fonte: Rede social do artista, 2020.*



*"Minha forma de homenagear e solidarizar com o ator André D'Lucca foi criando essa tela. A Almerinda, uma de suas personagens, é defensora incansável da cuiabania". Fonte: Rede social do artista, 2019.*

*Eu gosto muito de fotos do cotidiano, de umas coisas mais críticas, umas coisas mais marcantes, gosto muito de expressão de rosto, das mãos, gosto muito de mãos. O grafite é pra rua, pro pessoal que não tem acesso à galeria, por exemplo. Acho a galeria muito inacessível pra uma boa parte da população principalmente no Brasil, agora que está começando a vir isso pra cá, do consumo de arte. Aqui em Cuiabá é muito lento, eles consomem a arte regional, a arte dos pintores daqui, mas o grafite é uma coisa que ainda tá indo meio devagar, sabe".*

## AS EXPERIÊNCIAS OCULTAS

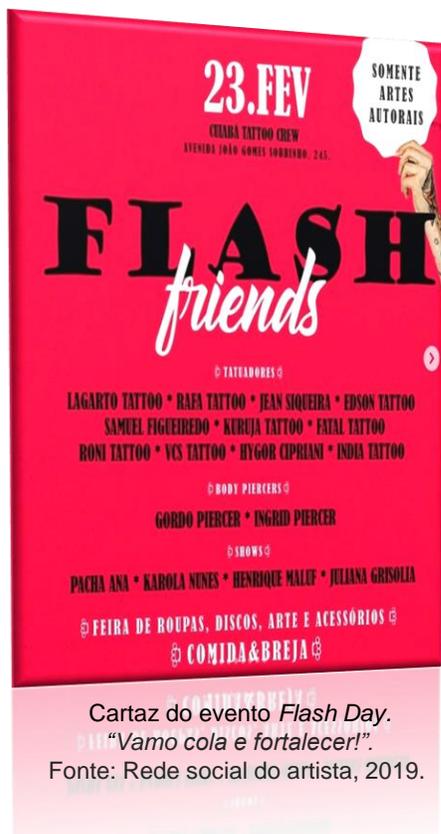
"Antes eu fazia muito isso, no começo eu gostava muito de sair na madrugada, quando não tinha mais nenhum carro, eu achava um lugar bem tranquilo e ficava lá, eu começa pintar uma da manhã e ia embora seis da manhã, os ônibus já começando a passar na rua, isso pra mim é uma sensação muito boa. É uma sensação muito boa você tá num lugar que é tão gigantesco, e naquele momento você está ali sozinho, fazendo um desenho sozinho, sabe, sem ninguém observar, sem nada, você e você naquele momento seu, sem polícia pra encher o saco, sem pessoa pra passar e te xingar. O que mais acontece quando a gente tá pintando na rua é nego passar, 'Oh vagabundo, vai pintar na sua casa, Oh filha da p. ...' sabe, a gente escuta muito, essa galera com cabeça de minhoca. E são essas pessoas que ligam pra polícia, porque várias vezes eu fui abordado pela polícia, e os próprios policiais olham e falam, 'Pô, [grafite] bonito, por que que o cara ligou, enchendo o saco?'. Muitas das vezes que eu fui abordado foi assim, 'Pô eu curto demais, eu curto hip hop, oh, ligaram pra gente mais de cinco vezes, um morador aqui, dizendo que você tá pichando o muro deles véi, se soubesse que era isso aqui eu nem vinha, tanta coisa importante que eu tenho pra fazer, venho aqui encher o saco do cara que tá pintando'. Muitos deles [os policiais] falam, 'Mano, oh vou dar quarenta minutos pra você, acaba aí rapidão e vai embora porque se vier outra viatura os caras vão chegar e não vão chegar da mesma forma que eu, porque vai ser uma segunda chamada e já vão vir puto com você'. Ou tipo, já aconteceu do policial falar, 'Vou ficar aqui olhando, tá, acaba aí rapidão, e a gente já vai embora com você pra não dar problema'. E é a própria população que faz isso, sabe, que denuncia".

## EM CUIABÁ

"O grafite em Cuiabá acho que é uma coisa que está em ascensão ainda, tanto que vocês podem olhar que tem muito pouco, hoje em dia tem um pouco mais, mas eu ainda acho pouco comparado a outras capitais que eu já morei, já passei. Eu acho muito pouco e acho que agora que tá crescendo o conhecimento, e a gente tá, sabe, digamos que a gente tá mediano pra mais alto, sabe, esse nível assim, porque agora a galera tem reconhecimento, tipo, os grafiteiros que eu conheço, aparecem mais trabalho pra eles. Com esse lance da popularização do grafite em televisão, na mídia ou no jornal, jornais colocando lá um painel atrás com trabalho de grafiteiros, todo dia muda o desenho, sabe, e com isso, tá tendo mais visibilidade, tendo mais aceitação, a galera tá tirando um pouco esse tapa olho aí, tá enxergando de uma outra forma".



Intervenção realizada no evento Street Art Solidário  
Local: Studio Edson Ferreira  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



# FLASH friends

Siq é pioneiro de uma iniciativa de comunhão entre artistas visuais e o público apaixonado por desenho autoral, ao som dos melhores músicos da cidade: o evento chamado 'Flash Day' que ocorre anualmente ou semestralmente.

"A gente reúne os tatuadores mais chegados, mais amigos, cria desenhos autorais, a gente chama de 'flashes', que são desenhos rápidos e desenhos autorais, reúne, como se fosse uma confraternização de tatuadores, e que a gente tatua e coloca preço mais acessível pra essas tatuagens. E o lance é fomentar essa ideia de desmistificar, pra galera que tem curiosidade de ir num estúdio de tatuagem e ver que não é aquela coisa doida, que não tem drogado, que não tem bandido, que é uma coisa legal, que é uma coisa aberta pra todo o público, pra uma senhorinha, um médico, sabe, diversos públicos, é mais com essa finalidade. E esse grafite foi feito aqui no Edson, nesse dia:"

"Eu acho legal esse lance do efêmero, porque você se reinventa, vai lá e pinta de novo, você faz, sumiu, faz outra coisa".



Estúdio/Ateliê Edson Ferreira  
 Fonte: Fotografia – Célia Soares 2020

"Trampo que curti muito fazer pq foi no segundo estúdio de tatuagem que trabalhei e na casa do mano que me ensinou como usar uma lata de spray obrigado muito respeito @edsonferreiraorigin e @seteito pelos toques, rolê muito firmeza!"

## OPINIÃO DE QUEM FAZ PARTE

*"O grafite pra melhorar nossa vida é a galera ter menos preconceito com o grafiteiro, conseguir enxergar a classe artística no geral como indivíduos que trabalham, sabe, e tiram seu sustento daquele trabalho. Entender que a gente não é marginal, entender que a gente não é vagabundo, entender que a gente não é maconheiro, entender que as pessoas têm o livre arbítrio pra fazer o que quiser da vida delas a partir do momento que elas se respeitam, sabe. Olha o tanto de artista foda no Brasil inteiro, pô, tipo, é milionário, sustenta a vida dele com isso, e ainda assim, a galera não consegue enxergar, não consegue enxergar que isso é realmente uma profissão, que a pessoa acorda cedo e vai desenhar, senta numa mesa, e aquilo é um trabalho sabe, e isso não é local, é no Brasil inteiro".*

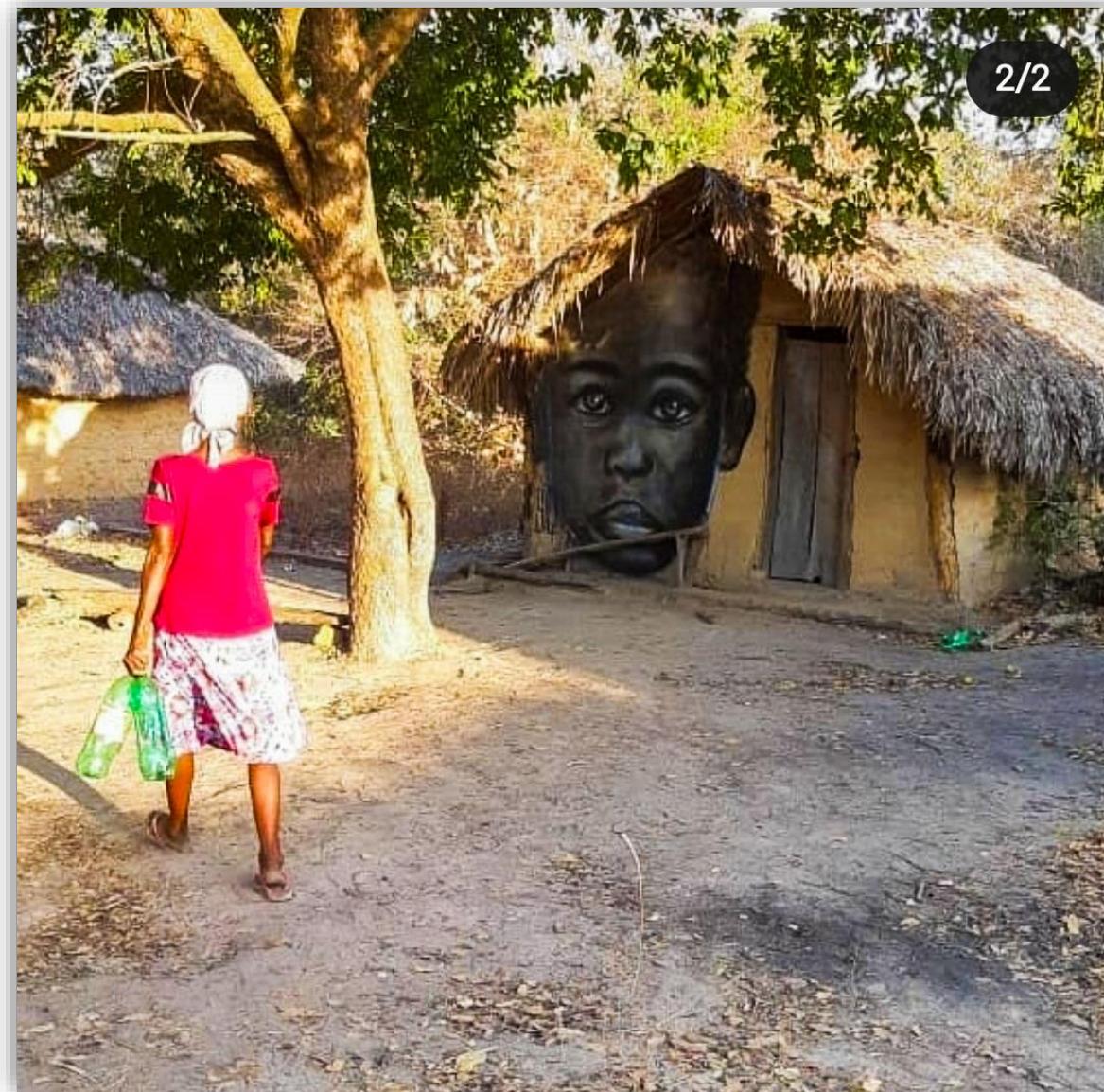
## ACHA QUE É HISTÓRIA DE ARTE MARGINAL? RESPIRA E SEGURA ESSA REAL:

*"Eu acho que uma maneira de mudar é fazer como os grafiteiros de protesto no geral fazem, cartunistas e pessoas do audiovisual, eu acho que é sempre esse embate batendo de frente, pra que isso seja um estímulo pras novas gerações, que vejam isso acontecendo e dêem continuidade a isso. Eu acho que falta uma educação, acho que a partir do momento que a galera se educa, entende o que é política, os governantes e o que eles estão fazendo, entende sobre o capitalismo, a galera muda a concepção de pensar, sabe, muda a forma de combater, vai saber combater na verdade, vai saber dialogar. Tipo, eu sou uma pessoa muito jovem nessa questão política, só que uma pessoa falou 'mano, o que você faz é política', aí eu comecei a tentar entender mais sobre isso, entender o capitalismo, sobre entender a política, sobre entender o nosso papel como cidadão, entender sobre a nossa luta, porque antes eu só pintava. Só que, uma coisa inconsciente, mas que tava entranhada alí de tudo o que eu vivi na minha vida desde moleque, que você olha e fala, 'pô véi, que que eu tô fazendo aqui nesse mundo, sabe, política é o que eu vivi minha vida inteira, vivendo na margem, sendo preto, sendo filho de mãe solteira de um pai que nunca ... que é uma história que vem sendo repetida de gerações, minha avó, a mãe da minha avó ... então, o que eu vou fazer pra combater isso, véi, o que eu vou fazer pra mudar isso, o que eu vou fazer pra mudar o meu machismo, o que eu vou fazer pra mudar minha homofobia, que eu sempre cresci achando que aquilo era o certo, e daí você cresce e não é o certo véi, a forma como você fala, a forma como você se expressa, tudo são coisas novas, só que eu já ouvia, já tive acesso a isso antes só que eu não consegui praticar, eu entendia a teoria, mas na prática é uma coisa diferente, véi. Hoje eu consigo entender na prática, ué, eu fazia piada de preto, véi, eu fui criado por um padrasto branco, um cara que eu agradeço, o pouco de educação que ele conseguiu me dar ele me deu, só que é um cara extremamente preconceituoso, casado com uma mulher preta, que é minha mãe, tanto que a família do cara quando vinha pra minha casa, era uma coisa cabulosa, porque tinha essa coisa da família dele ser de colonos italianos preconceituosos, só que eles chegaram e viram que minha mãe, eu e minha irmã, eram pessoas de bem, sabe, pessoas queridas, e a galera se apaixonou véi, tipo, 'eles são pretos mas são legais', imagine a cabeça da galera. Vivi dez anos com o cara e minha mãe chegar e falar que o cara é preconceituoso comigo, me deu educação boa, eu estudava em um colégio particular, só que o cara é preconceituoso. Eu cresci ouvindo, 'é trabalho de preto o que você faz'. Esses dias trombei com ele e ele falou, 'e aí, quando é que você vai cortar essa crina aí? Aí eu falei pra ele, 'você acha que eu sou menos importante por causa do meu cabelo? Você acha que eu sou menos incapaz por causa do meu cabelo?' Meu profissionalismo vem acima disso. Eu ainda brinquei com ele e falei, 'e você, você não tem cabelo, você é careca, agora, você acha, imagina se a galera olha pra você e fala assim, 'é você é um bosta de um profissional porque você é careca'. Aí ele 'não, mas não é isso que eu tô falando ...' É isso que você está falando, tá querendo justificar minha parte profissional por causa de uma estética, do cabelo. 'Corta essa crina'. Crina é de cavalo, eu não sou cavalo, sabe, e é uma pessoa que não vai mudar a noção dele, eu posso falar essas coisas pra ele, mas a cabeça do cara não vai mudar véi, tem pessoas que infelizmente não estão abertas a se desconstruir".*

Não deixando de considerar os lugares fora do Brasil que receberam os grafites do artista Jean Siqueira, bem como as experiências que o artista recebeu destes mesmos lugares, é em solo brasileiro que os reencontros afetivos de uma latente ancestralidade, participam de sua geografia artística. O artista se refugiou por um tempo em uma aldeia quilombola quase esquecida no Estado de Goiás, para mais que saber, viver e sentir uma história que é sua e, é claro, de sua arte. O traço longo, que não se vê o fim na representação do seu formato, possui tamanho proporcional à profundidade do caminho interno, pessoal, para dentro de si, vivenciados nesta experiência.



Imagens cedidas pelo artista  
Fonte: Rede Social - 2020



Não seria simples coincidência qualquer semelhança entre as retas, retângulos e contornos triangulares do mapa e da assinatura de Jean Siqueira.



O vilarejo da comunidade kalunga do Vão de Almas, na Chapada dos Veadeiros, fica deserto o ano todo e praticamente só ganha vida durante a semana da Festa de Nossa Senhora da Abadia — Foto: Fábio Tito/G1.  
Fonte: <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/11/08/fotos-vao-de-almas-e-a-vila-quilombola-fantasma-no-meio-da-chapada-dos-veadeiros.ghtml>

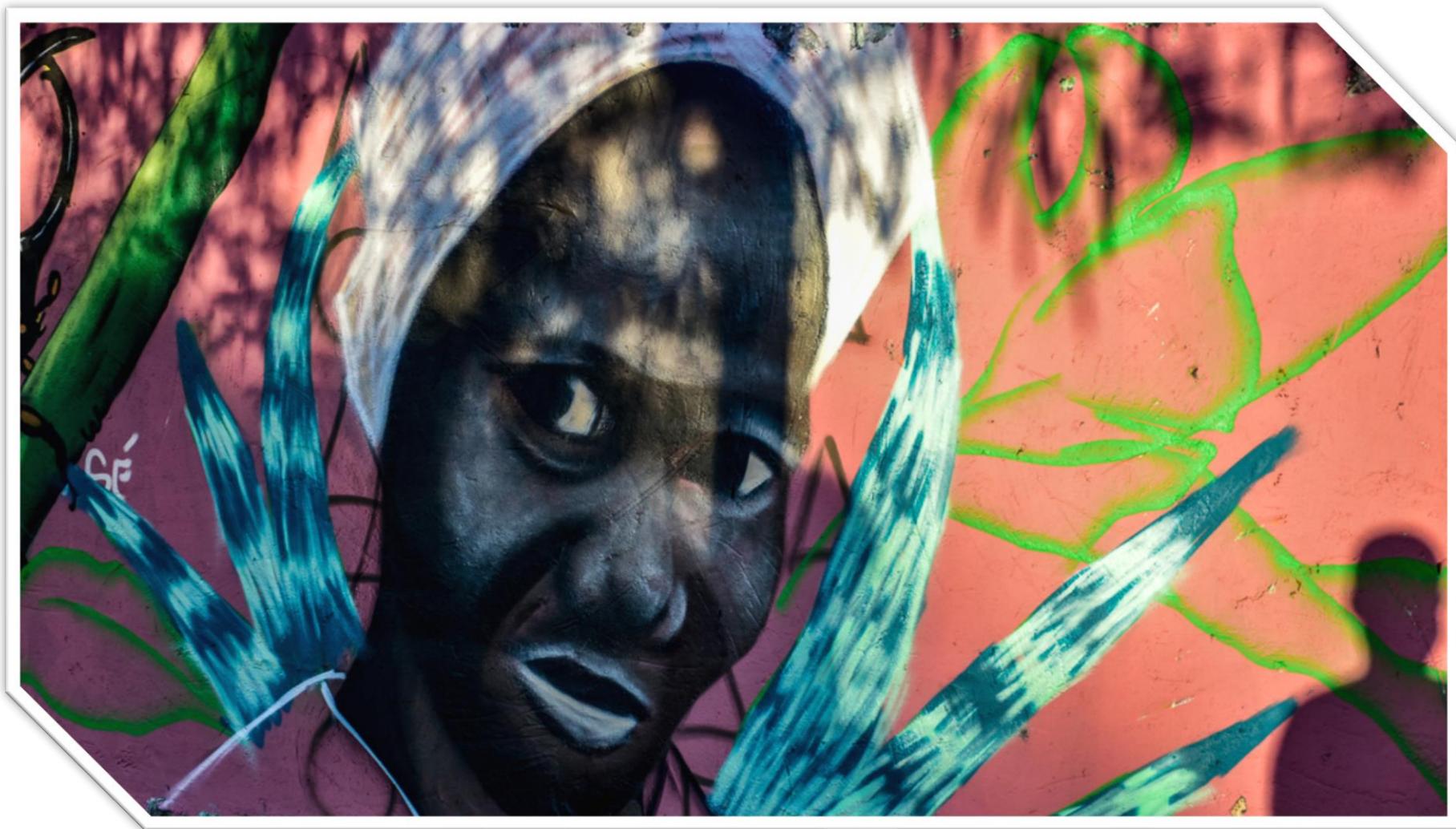




Intervenção Ginásio de Esporte Verdinho  
Local: Morada da Serra, CPA I  
Fonte: Fotografia – Célia Soares



Intervenção realizada no evento 2º Multirão Graffiti Cuiabasa  
Local: Praça CPA III Bairro Morada da Serra  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



Intervenção realizada no evento 2º Multirão Graffiti Cuiabara  
Local: Praça CPA III Bairro Morada da Serra  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.

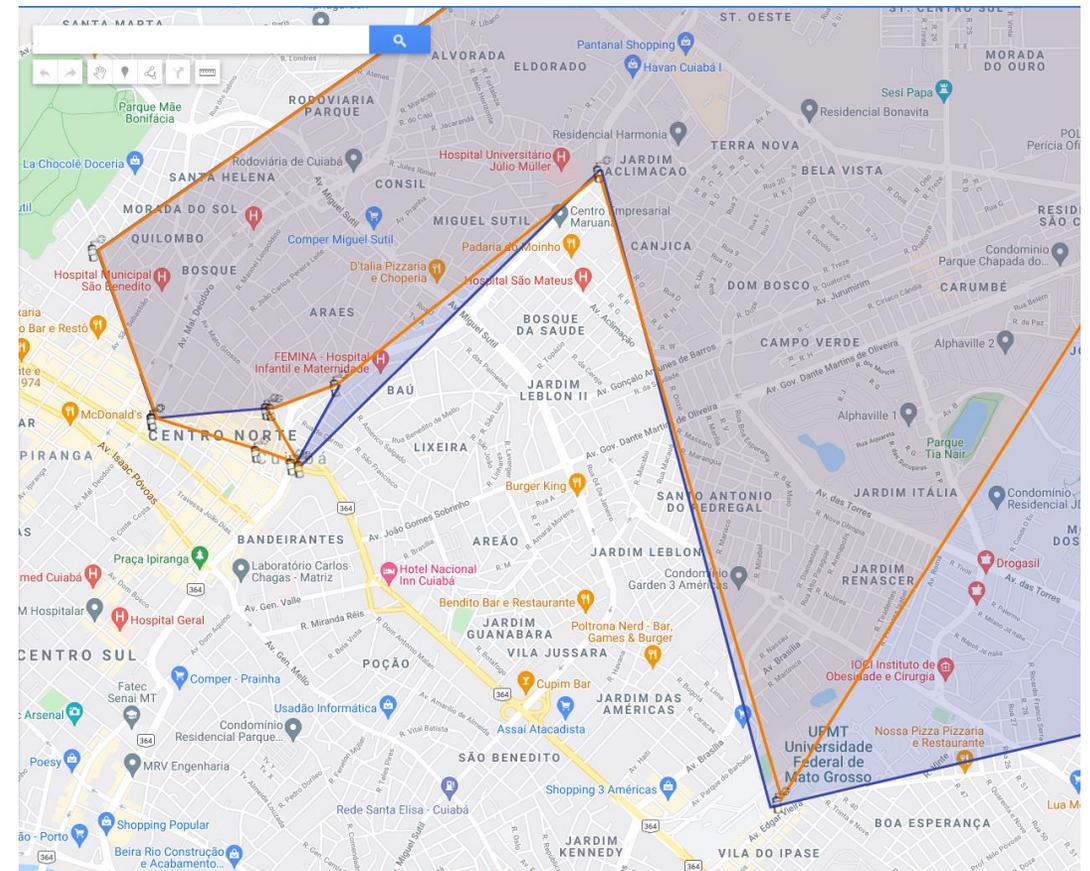
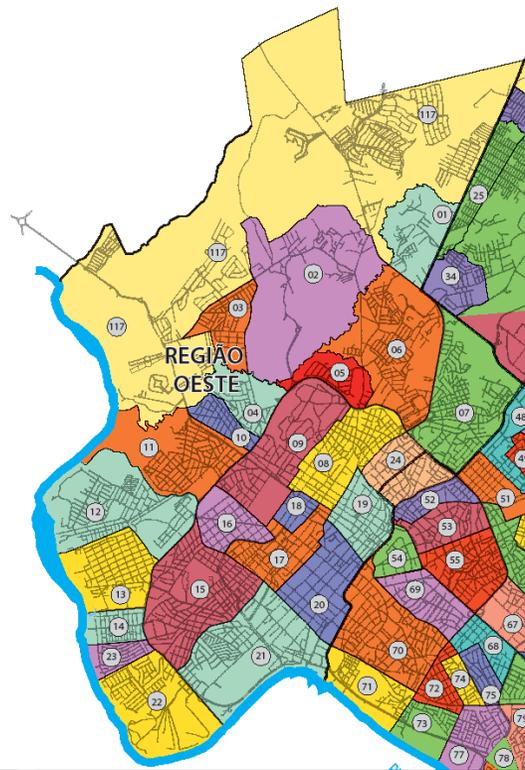


Intervenção realizada no evento 2º Multirão Graffiti Cuiabrasa  
Local: Praça CPA III Bairro Morada da Serra  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.

# NA REGIÃO OESTE FORAM REGISTRADAS AS SEGUINTE INTERVENÇÕES:

## REGIÃO OESTE

01. Jardim Ubirajara
02. Ribeirão do Lipa
03. Novo Colorado
04. Jardim Mariana
05. Santa Marta
06. Despraiado
07. Alvorada
08. Do Quilombo
09. Duque de Caxias
10. Ribeirão da Ponte
11. Santa Rosa
12. Barra do Pari
13. Jardim Santa Isabel
14. Cidade Verde
15. Cidade Alta
16. Jardim Cuiabá
17. Da Goiabeira
18. Popular
19. Centro-Norte
20. Centro-Sul
21. Do Porto
22. Coophamil
23. Novo Terceiro
24. Dos Araés (Parcial)\*
117. Área de Expansão Urbana





Intervenção Ginásio do Quilombo Centro Esportivo João Balduino Curvo  
Local: Bairro Quilombo  
Fonte: Fotografia – Célia Soares





Intervenção realizada no evento Street Art Solidário  
Local: Região Centro Norte - Studio Edson Charles  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.

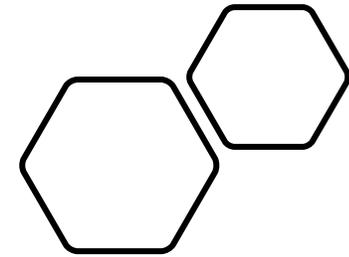




Intervenção realizada no evento Street Art Solidário  
Local: Região Centro Norte - Studio Edson Charles  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



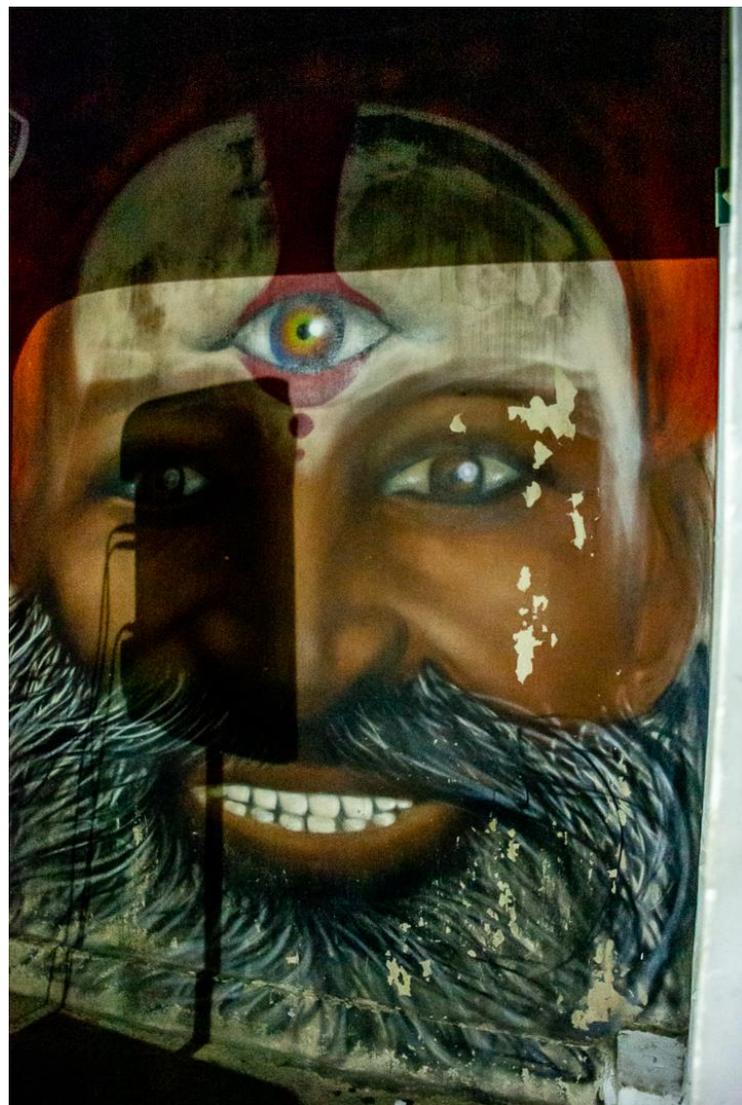
Intervenção realizada no evento Street Art Solidário  
Local: Região Centro Norte - Studio Edson Charles  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



Intervenção realizada no evento Street Art Solidário  
Local: Região Centro Norte - Studio Edson Charles  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



Intervenção Centro Histórico, Ilha do Bananal  
Local: Região Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



Intervenção realizada Praça da Mandioca – Bar do Bigode  
Local: Região Centro Norte  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.

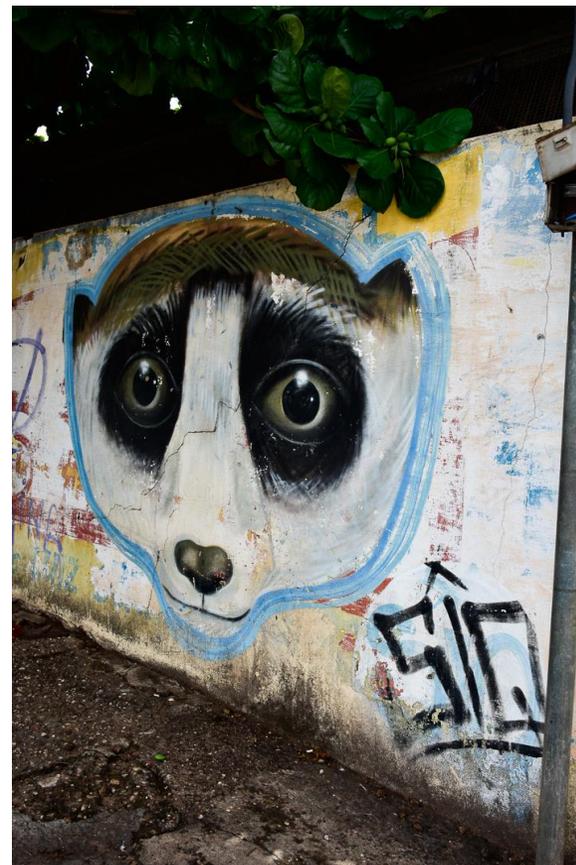


Intervenção Coletiva com os artistas, Babu78, Gora, ZéloKo  
Local: Região Centro Sul  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.





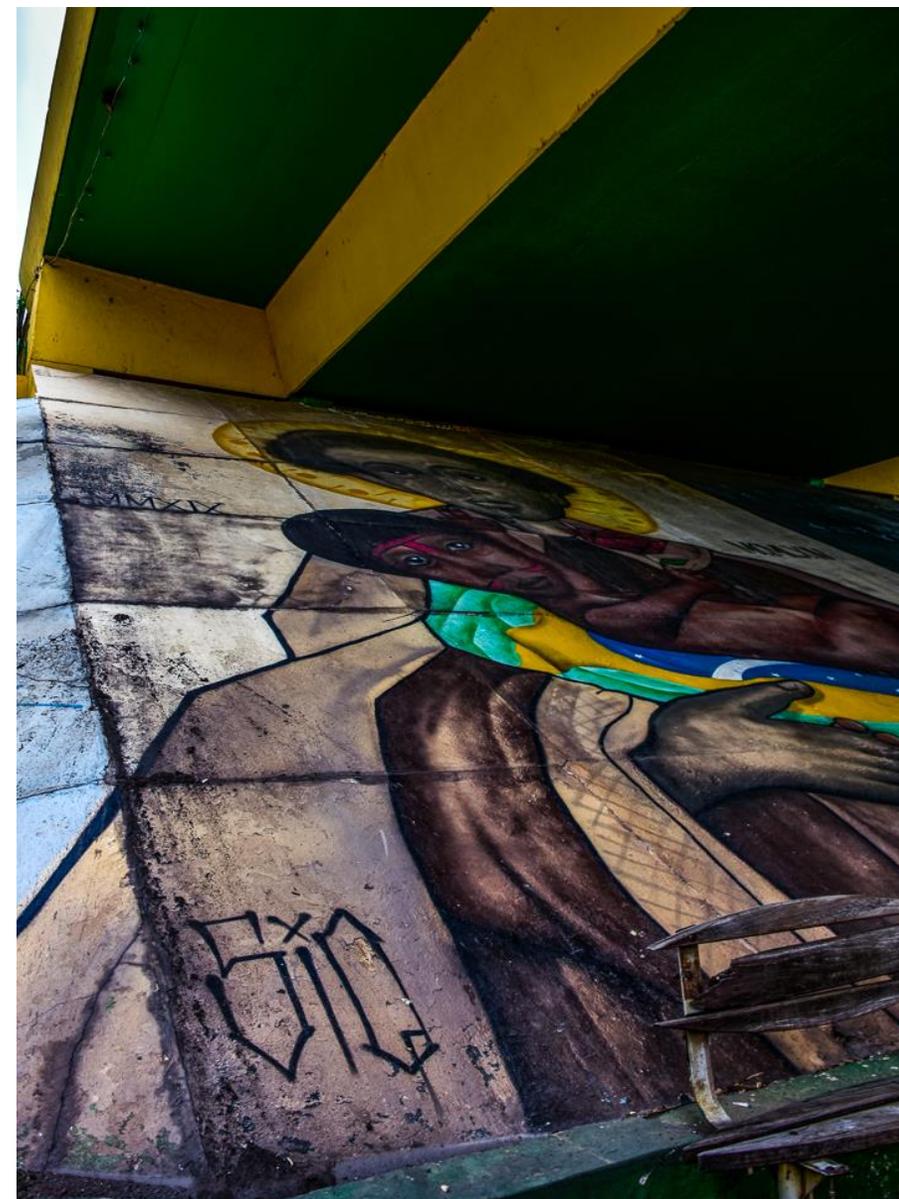
Intervenção coletiva  
Local: Bairro Jardim Aclimação  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



Intervenção coletiva  
Local: Bairro Baú  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.



Intervenção coletiva com os artistas, Babu78, Regis Gomes  
Local: Bairro Bosque da Saúde  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.





Intervenção coletiva Pátio da UFMT - MACP  
Local: Bairro Boa Esperança  
Fonte: Fotografia Célia Soares/2020.